

## **FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORES: CONTRIBUIÇÕES DAS TESTAGENS DE ESCRITA PARA O ACOMPANHAMENTO DA ALFABETIZAÇÃO<sup>1</sup>**

### *LITERACY TEACHERS FORMATION: CONTRIBUTIONS OF WRITING TESTS FOR THE ACCOMPANYING OF LITERACY*

**Alana Rodrigues Rigão<sup>2</sup> e Greice Scremin<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta a análise das testagens de escrita, aplicadas em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Santa Maria (RS), a fim de evidenciar sua importância como instrumento de acompanhamento no processo de alfabetização tanto para os professores quanto para os docentes em formação. Justifica-se a relevância dessa temática para a área da educação, tendo em vista a necessidade de professores conhecerem as etapas da aprendizagem da leitura e da escrita por parte das crianças. É necessário analisar os documentos gerados através da escrita espontânea das crianças, pois estes apresentam o nível de escrita em que ela se encontra. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, pois se trata de uma análise que não mensura números. A metodologia de pesquisa foi bibliográfica, aliada ao método autobiográfico já que relata uma experiência formadora. Além disso, foi realizada a aplicação das testagens para coletar resultados a serem analisados de acordo com os níveis de escrita estabelecidos por Ferreiro e Teberosky (1985). A análise foi feita levando em consideração os aspectos construtivos da escrita, assim os alunos se encontraram um no nível silábico e o outro no nível alfabético. Desse modo, conclui-se que as testagens de escrita se configuram como importante instrumento de acompanhamento para o professor, visto que possibilita a avaliação formativa do aluno. Aliado a isto, destaque para a conversação entre Instituições de Ensino Superior e escolas de educação básica que possibilitam a troca de conhecimentos entre professores e acadêmicos.

**Palavras-chave:** aprendizagem, ensino, níveis de escrita.

#### **ABSTRACT**

*This article presents the analysis of the writing tests applied by an academic of the Pedagogy course of the Franciscan University Center in a school of the municipal teaching network of the city of Santa Maria (RS), in order to show its importance as a monitoring instrument in the Literacy process for both teachers and teachers in training. It is necessary that we know how to analyze the documents generated through the spontaneous writing of the children, since they present the level of writing in which it is found. The approach of the research was qualitative, since it is an analysis that does not measure numbers (MINAYO, 2001). The research methodology was bibliographical (GIL, 2008) allied to the autobiographical method since it reports a formative experience (JOSSO, 2004). In addition, the tests were applied to collect results to be analyzed according to the levels of writing established by Ferreiro and Teberosky (1985). The analysis made was taking into account the constructive aspects of writing, so the students found one at the syllabic level and the other at the alphabetical level. Thus, it is concluded that writing tests are configured as an important accompaniment instrument for the teacher, since it allows the formative evaluation of the student. Associated to this, the dialogue between universities and schools of basic education, which enables the exchange of knowledge between teachers and academics, should be highlighted.*

**Keywords:** learning, teaching, writing skills.

<sup>1</sup> Trabalho oriundo da Disciplina de Pedagogia da Alfabetização I.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: alanarigao17@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora. Professora Adjunta - Centro Universitário Franciscano. E-mail: greicescremin@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Uma das dificuldades enfrentadas por muitos professores alfabetizadores se refere ao acompanhamento e avaliação de seus alunos durante o processo de alfabetização. Esse fato pode conduzir os resultados que se esperavam ser positivos ao sentido reverso. A reprovação, sendo um resultado não feliz para o professor, é uma circunstância que pode acontecer pela simples falta de um olhar sensível deste. No processo de aquisição da lecto-escrita, é essencial um acompanhamento da criança para analisar o seu desenvolvimento. Todavia, o que acontece é um impasse nessa questão gerando uma experiência negativa no ambiente de trabalho tanto para o professor quanto para o aluno. Frente a isso transparece a formação que esse professor possui, a qual é permeada por assuntos e discussões um tanto questionadoras.

Diante esse fato, o docente se insere em uma rede que exige uma formação adequada e que atenda as especificidades da profissão. Ao se referir em formação de professores, sobretudo alfabetizadores, se pensa que esta é única e exclusivamente constituída por cursos de especialização, novas técnicas. Porém, a formação do professor se caracteriza por uma reflexão crítica sobre o fazer pedagógico não ficando reduzida somente a acumulação de conteúdos. Antes do professor, há uma pessoa que deve se autoformar para poder estabelecer trocas de experiências com o outro indivíduo (NÓVOA, 2009).

Tendo em vista Notas Estatísticas do Censo Escolar da Educação Básica de 2016, é possível perceber que a taxa de aprovação no 3º ano do ensino fundamental baixou, e isso resulta em uma preocupação, visto que está previsto como meta no Plano Nacional de Educação (PNE) a alfabetização até o final do 3º ano do ensino fundamental (BRASIL, 2014). Desse modo, é relevante estabelecer uma reflexão acerca da alfabetização das crianças e, sobretudo da visão e postura do professor frente a seres humanos que estão em construção de sua identidade, postos a escola para se apropriar da lecto-escrita.

O processo de alfabetização é constituído pela subjetividade da criança e passa por níveis que necessitam ser reconhecidos pelos professores. Não basta somente classificar os alunos entre os que “sabem ler” e os que “não sabem ler”. A aprendizagem por ser subjetiva, irá definir cada pessoa, a qual conseqüentemente vai apresentar ritmos diferentes de evolução. O professor, por sua vez, acaba fazendo essa classificação por ser “aparentemente visível” aos seus olhos e mais fácil. O que ele desconhece é que o aluno está constantemente envolvido nas dinâmicas das relações de leitura e escrita, portanto pode ser considerado, ainda que não alfabetizado, uma pessoa letrada (SOARES, 2004).

Nesse sentido, é importante que o mediador do processo de ensino e aprendizagem, adote um instrumento de avaliação para que se possa ter um controle do progresso de seus alunos. Dessa forma, as Testagens de Escrita propostas pela autora Emilia Ferreiro, se configuram como sendo estratégia fundamental de auxílio ao professor para a identificação do nível de escrita em que seu aluno se encontra.

Dentro dessa perspectiva, é primordial que o docente tenha ciência do sujeito que está sentado à sua frente. Este sujeito, é uma criança que em seu nível, sabe ler e escrever. Se rejeita-se essa proposição, contribui-se para a permanência da visão tradicional que se tem em relação às primeiras escritas das crianças. Além disso, é crucial levar em conta, o contexto em que esse sujeito está inserido, pois há inúmeras variáveis que interferem no processo de ensino- aprendizagem, e cabe ao docente ter um olhar sensível a essas questões. Portanto, o professor precisa aprender a ler as escritas infantis, estas que são carregadas de saberes já interiorizados pelas crianças. Isso demanda tempo e muito estudo (FERREIRO, 2011).

As Testagens de Escrita possuem, dentre as suas características, um caráter avaliativo, à medida que ao acompanhar constantemente o aluno no desenvolvimento da escrita, esse documento gerado viabiliza o processo avaliativo. Nesse sentido, no contexto das Testagens, preza-se por uma avaliação formativa, a qual busca acompanhar o processo de aprendizagem do aluno diariamente para que o professor tenha a possibilidade de atuar junto às suas dificuldades, trabalhando com a subjetividade do ser humano (BASSEDAS et al., 1999).

Neste trabalho o objetivo é apresentar e analisar as Testagens de Escrita aplicadas na rede pública de ensino, com o intuito de evidenciar a importância dessa estratégia de avaliação para a Formação de Professores Alfabetizadores. Assim, estabelecer a relação entre teoria e a práxis pedagógica no processo de alfabetização.

A fim de analisar e compreender as questões que permeiam as testagens de escrita, estas foram aplicadas por uma discente do curso de Pedagogia, na disciplina de Pedagogia da Alfabetização I, do Centro Universitário Franciscano, em uma escola da rede municipal de ensino, da cidade de Santa Maria, RS. A testagem foi desenvolvida com duas crianças com idade entre 7 e 8 anos.

Essa Instituição de Ensino Superior (IES/UNIFRA) possui o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o qual conta com Subprojetos da área da licenciatura. No Subprojeto Pedagogia, as bolsistas são inseridas nas escolas a fim de vivenciar experiências formadoras com o intuito de potencializar o processo de ensino e aprendizagem dos blocos pedagógicos da educação básica. Nesse contexto, as Testagens de escrita são utilizadas pelas bolsistas como instrumento de acompanhamento dos alunos no transcurso da alfabetização. Assim, é possível analisar e definir como elas irão trabalhar para ajudar nas dificuldades de aprendizagem das crianças.

O Subprojeto Pedagogia/PIBID/UNIFRA contribui para a melhoria na formação inicial e também na formação continuada de professores, uma vez que possibilita a troca de conhecimento entre as duas esferas de ensino. Desse modo, os acadêmicos se envolvem em uma constante busca pelo novo, por meio das teorias, almejando a sua qualificação para se inserir no mercado de trabalho.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A CRIANÇA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A criança, ao se inserir na escola básica, vem com um propósito universal que constitui a construção do ser humano: se alfabetizar, ou seja, aprender a ler e escrever. Ao chegar no ambiente que irá concretizar esse princípio da humanidade, o aluno vai apresentar uma bagagem de experiências acerca da leitura e escrita. Isto se deve, pelo constante contato que possuem com a linguagem escrita, esta que, segundo Ferreiro (2011) “não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”.

Nesse sentido, a alfabetização como processo constituinte da formação do ser humano, necessita acontecer dentro de um contexto cultural, ela precisa ser significativa para relacionar os novos conhecimentos com aquilo que pertence ao seu cotidiano (AUSUBEL, 1982). Somando-se a isto, Freire destaca que

a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

Dentro dessa visão, é substancial que exista um acompanhamento no processo de aquisição da lecto-escrita, dessa maneira será possível compreender a aprendizagem na sua integralidade, visto que a escrita passa por hipóteses que são definidas pelas autoras Ferreiro e Teberosky (1985).

De acordo com as autoras, as crianças passam por quatro níveis de escrita durante a alfabetização. O primeiro deles corresponde ao nível pré-silábico, em que, considerando os aspectos construtivos da escrita, o sujeito se encontra no período da diferenciação entre icônico (desenho) e não icônico (escrita) e nas variações dos eixos quantitativos e qualitativos, ou seja, nesse período o que está escrito não corresponde ao que se quer escrever, isto é, ao significante (FERREIRO, 2011).

O próximo período é o silábico, o qual a escrita se caracteriza por apresentar uma sílaba por letra. Nessa hipótese, é possível acontecer de a criança escrever a palavra com mais letras e na hora de fazer a leitura acabar descartando o restante das letras, pois percebeu que elas não se encaixavam na sua emissão sonora. Pode ser acompanhado ou não de valor sonoro convencional. Expressa uma condição de contradição nesse período, ao passo que ao se deparar com as escritas dos adultos, estas sempre irão ter maior quantidade de letras comparada com a hipótese silábica.

O terceiro período corresponde ao silábico-alfabético, em que a criança se insere em uma situação complicada, pois é necessário aceitar que há mais de uma letra para formar uma sílaba. A criança desenvolve a consciência de que uma vogal mais uma consoante são necessários para responder a uma sílaba.

O quarto e último período é o alfabético. Nessa etapa a criança compreende a construção do sistema linguístico, estabelecendo relação entre a similaridade de sons e letras. É importante ressaltar que esse período não caracteriza o fim da alfabetização, mas sim a abertura para novos descobrimentos acerca da escrita. Afinal, a aprendizagem é constante por toda nossa vida.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES

A prática docente se configura como um “espaço de produção da competência profissional pelos próprios professores” (TARDIF, 2002, p. 291). É um local em que circula conhecimento, saberes e constantes reflexões nas ocupações no dia-a-dia do fazer pedagógico. Além disso, essas práticas são formativas uma vez que possibilitam ao professor pensar e repensar os saberes realocando-os conforme a realidade vivida no ambiente de trabalho (TARDIF, 2002).

O autor define o saber docente como “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2002, p. 36). Assim, o professor é constituído de muitos elementos, os quais são construídos no decorrer de sua vida, sendo no âmbito pessoal ou profissional.

Dentro dessa perspectiva, salienta-se o saber construído durante a trajetória acadêmica desse professor. Este pode ser carregado de muito conhecimento frutífero para ser aplicado no fazer pedagógico, porém muitas vezes não há aplicabilidade. No período da alfabetização, a criança exige do professor olhar atento, sensível e, sobretudo conhecimento sobre o que está fazendo com seus alunos.

O conhecimento é construído constantemente durante as práticas das relações sociais, mas, sobretudo, na busca pelo aporte teórico que servirá como subsidio para desenvolver a prática em sala de aula. Nesse viés, atenta-se a importância da troca de experiências entre as IES e as Escolas de Educação Básica, para fomentar a pesquisa entre todos os envolvidos acerca das variáveis que circundam o processo de ensino e aprendizagem assim como a dinâmica da instituição em si.

Pode-se considerar o processo de formação de professores alfabetizadores como um fato complexo, pois uma vez inseridos em uma dinâmica de relação social em que há vários elementos a serem discutidos, sobretudo envolvendo pessoas, esse docente terá que buscar atualização nas diversas esferas dessa ligação (AGUIAR, 2010).

O grande desafio que envolve a maioria dos professores alfabetizadores se refere à como acompanhar e conseqüentemente trabalhar com o aluno que possui dificuldades de aprendizagem. Nesse momento, reflete a preparação do professor para estar frente a essas adversidades. Com isso, é de extrema importância a formação inicial do professor ser constituída de saberes essenciais para exercer a prática pedagógica, pois “[...] a relação entre a pesquisa universitária e o trabalho docente nunca é uma relação entre uma teoria e uma prática, mas uma relação entre atores, entre sujeitos cujas práticas são portadoras de saberes” (TARDIF, 2002, p. 237).

Com este excerto percebe-se o quanto é importante o professor buscar informações sobre sua área para dinamizar a prática. Os atores desse processo nunca concluirão seu processo formativo, pois a profissão docente está sempre em mutação, exige novos conhecimentos e técnicas, ou seja, a formação é um processo permanente.

Na dinâmica de implementação de políticas públicas, atualmente as escolas contam com um Programa do Governo Federal que prevê a alfabetização de todas as crianças até os 8 anos de idade ao final do 3º ano do ensino fundamental, como consta na Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), denominado de Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

O PNAIC foi lançado em 2012, e os dados disponíveis no Sistema Informatizado de Monitoramento do PNAIC (SISPACTO), em 2013, foram capacitados, em Linguagem, 313.599 professores alfabetizadores em curso com carga horária de 120 horas; em 2014, foram 311.916 profissionais e a ênfase da formação foi em Matemática, em curso com carga horária de 160 horas; em 2015, foram capacitados 302.057 professores em temáticas como Gestão Escolar, Currículo, a Criança do Ciclo de Alfabetização e interdisciplinaridade; e, em 2016, foram 248.919 alfabetizadores e 38.598 coordenadores pedagógicos atendidos em cursos com carga horária mínima de 100 horas e com ênfase em leitura, escrita e letramento matemático.

Para a Secretaria de Educação Básica (SEB) do MEC, a formação continuada de professores é componente essencial da profissionalização e da valorização docente, devendo integrar-se aos desafios da escola e pautar-se no direito dos profissionais do magistério de buscarem atualização e aperfeiçoamento ao longo da vida.

Entretanto, em quase cinco anos de vigência do PNAIC, as metas do PNE mostram que os estudantes com proficiência insuficiente em leitura e escrita não chegam à metade sem uma meta prevista. Ainda nesse sentido, índices de reprovação no 3º ano do ensino fundamental são elevados conforme mostra o censo de 2016, desta maneira é necessário refletir acerca de um dos elementos que compõe o processo de alfabetização da criança, o professor.

Uma das características que deve pertencer ao professor alfabetizador é a curiosidade, que instigará a busca pelo novo. Sendo a alfabetização uma das fases mais importantes para a criança, uma vez que possibilita o entendimento do mundo em que vive a partir de práticas humanas universais (leitura e escrita), o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem, necessita saber conceitos que permeiam a evolução da escrita das crianças.

Frente a uma sala heterogênea com diferentes culturas, raça, sexo, o professor, principalmente os iniciantes, são aclamados por um “pavor” em como acompanhar e trabalhar com o aluno que apresenta dificuldades na aquisição da leitura e escrita. Desta maneira, as testagens de escrita utilizadas como instrumento de acompanhamento no processo de alfabetização, necessitam ser interpretadas corretamente para o docente poder agir diretamente contra os obstáculos que essa criança enfrenta.

A importância de o professor alfabetizador saber interpretar o documento gerado a partir da escrita espontânea das crianças se traduz pelas etapas que constituem a alfabetização. Pegamos um exemplo de uma turma de 1º ano do ensino fundamental. Um aluno possui a escrita dentro do nível pré-silábico e ainda não distingue a variedade e quantidade de letras entre uma palavra e outra. Em certo momento, essa criança consegue associar que, se uma coisa é diferente de outra, consequentemente as palavras também são diferentes uma da outra e, portanto, devem conter letras diferentes entre as duas palavras, porém sem correspondência de valor sonoro.

Neste exemplo acima, o olhar atento e sensível, associado aos conhecimentos que o professor possui devem estar interligados para identificar as evoluções. Nessa dinâmica de acompanhamento do aluno, os aspectos construtivos devem sobressair-se sobre os aspectos gráficos da escrita, pois não será somente a escrita correta das palavras que definirá o quanto a criança sabe, mas sim todo o processo que passaste até chegar a um determinado resultado em um dado momento.

Nessa lógica, as testagens de escrita se configuram como um instrumento de acompanhamento no período da alfabetização, assim como contribuem para a avaliação do desenvolvimento dos alunos, considerando sua subjetividade. Nesse contexto, o professor se insere como mediador do processo de ensino e aprendizagem para contribuir na formação desse sujeito.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa se deteve na abordagem qualitativa, visto que o estudo permeia as relações sociais, sobretudo no âmbito educacional. Busca-se compreender o processo de aquisição e evolução da escrita durante a alfabetização, pois, segundo Minayo,

o verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento (MINAYO, 2001, p. 624).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa preocupa-se com o processo e não com os resultados em si de forma a quantificá-los. Trabalha-se com a subjetividade e com o empirismo (MINAYO, 2001).

A metodologia de pesquisa foi de cunho bibliográfico, uma vez que foram analisados materiais e documentos já existentes para fundamentar o tema (GIL, 2008). Aliado a esta proposição, o método autobiográfico foi utilizado como respaldo para o trabalho, pois o artigo apresenta um relato de uma vivência por uma acadêmica a qual se configura como uma experiência formadora (JOSSO, 2004).

O trabalho foi realizado no contexto de uma disciplina de alfabetização do curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano, de modo que a acadêmica colocasse em prática os fundamentos teóricos acerca do instrumento a ser utilizado na prática pedagógica. Os alunos selecionados estavam inseridos, um no primeiro ano e o outro no segundo ano do ensino fundamental.

A prática da testagem de escrita se desenvolveu no primeiro semestre letivo do ano de 2017, com o objetivo de identificar, na dinâmica do processo de alfabetização, os níveis de escrita de duas crianças inseridas na rede municipal de ensino. Têm-se como base, as contribuições teóricas da autora Emilia Ferreiro acerca das hipóteses de escrita.

Para a realização da testagem das quatro palavras e uma frase, foi utilizada uma folha A4 em branco e um lápis. O procedimento aconteceu em um local que havia somente a acadêmica e o aluno. Em um tom lúdico, foram soadas as 4 palavras (1 monossílabo, 1 dissílabo, 1 trissílabo e 1 polisílabo), uma de cada vez, com o pedido de que fosse feita a leitura de cada uma apontando com o lápis. As palavras são escolhidas dentro de um campo temático, nesse caso optou-se por trabalhar com palavras referentes ao contexto de sala de aula.

Posteriormente, o aluno foi instigado pela acadêmica a pensar em uma frase que contemplasse duas palavras anteriormente registradas. Após essa etapa, prosseguiu-se para a análise dos dados coletados, ou seja, as escritas produzidas pelos alunos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

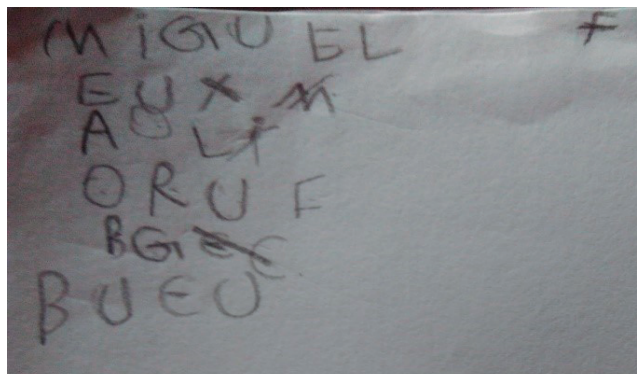
Diante dessas considerações, a análise das testagens se configura do seguinte modo:

### ANÁLISE DA CRIANÇA 1

#### **Sexo masculino; 8 anos de idade; 1º ano do ensino fundamental.**

Ao aplicar a testagem de escrita com esta criança, foi possível identificar características que remetem ao nível silábico de escrita. Inicialmente, demonstrou facilidade e domínio das letras do seu nome ao escrevê-lo. Segurou a folha de forma correta assim como sua orientação espacial em relação à escrita (esquerda para a direita). A figura 2 evidencia a produção da criança 1.

**Figura 2** - Produção da criança 1.



Fonte: as autoras, 2017.



Nessa produção, percebe-se que a criança possui conhecimento das letras do alfabeto, e revela que se sentiu incomodado com a leitura de algumas palavras depois de escritas, visto que riscou algumas letras que aparentemente “não precisavam”. Frente a essa situação, o professor necessita fazer uma análise dessa escrita e resgatar conceitos para identificar o nível em que essa criança se encontra na escrita.

Ao ditar a primeira palavra, sendo ela monossílabo, a criança escreveu-a com 4 letras (EUXM). Quando foi pedido para ser lida a palavra, ele se deu por conta que a quarta letra (M) não precisava, bastava somente “EUX” para escrever a palavra “GIZ”, eliminando assim o “m”. Percebe-se que a criança utiliza uma letra para cada sílaba, porém sem correspondência de valor sonoro convencional. Ao pronunciar o som do “z” ele identificou como sendo o “x”, já que os sons são semelhantes.

Em seguida, foi soada uma palavra trissílabo, sendo ela “ALUNO”. Ele escreveu dessa maneira: AOLI. Ao solicitar que ele lesse a palavra, novamente eliminou o “i”, pois viu que não se integrava em sua leitura silábica. Nota-se que a criança fez a correspondência correta da letra inicial (vogal A). Quando estava escrevendo a palavra, repetia várias vezes as sílabas. Também é possível notar que ao pronunciar o “LU” ele sabia que era com “L”, mas inverteu as posições, sendo que o “O” seria correspondência da sílaba “NO”. Sendo assim, pode-se considerar que em alguns momentos ele se integra na transição do silábico sem valor sonoro convencional para o silábico com valor sonoro convencional.

Posteriormente, foi ditado uma palavra polissílabo (PROFESSORA). Ele escreveu da seguinte forma: “ORUF”. Ao analisar essa palavra é possível identificar que na sílaba inicial (PRO) ele associou com a vogal “o”, porém no restante colocou letras que, ao entender dele, corresponde a cada sílaba pronunciada. Pode-se presumir que, ao introduzir o “F” ele pode ter associado com o som da sílaba “FE”, entretanto, a letra ficou deslocada da sua posição correta.

A última palavra ditada foi monossílabo: QUADRO. A criança escreveu da seguinte maneira: “BGENC”. Quando solicitado para fazer a leitura, ele descartou o “e” e o “c” julgando desnecessário para a escrita da palavra. Entende-se que ele delegou uma letra para cada sílaba, todavia, sem valor sonoro convencional. Ferreiro (2011) nomeia essa etapa como silábica, tendo em vista que a criança já reconhece a pauta sonora no momento em que se diz a palavra, traduzindo essa pauta em sua escrita. Caracteriza ainda que, como essa criança, o registro escrito da pauta não tem correspondência com os sons convencionais da palavra.

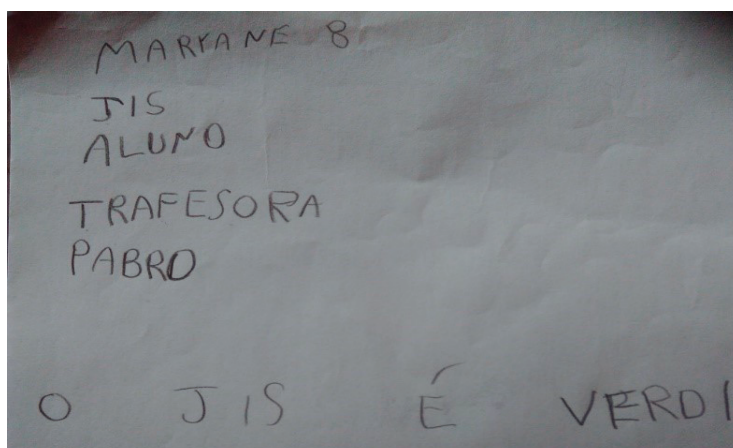
Por fim, a criança foi instigada a elaborar uma frase que contemplasse ao menos duas das palavras registradas. Sendo assim, a frase escolhida pelo aluno foi: “Quadro que a professora coloca a data”, entretanto ele escreveu da seguinte forma: “BUEU”. Pode-se verificar que a criança estabeleceu uma letra para cada palavra, no caso, “quadro professora coloca data”, porém sem correspondência de valor sonoro. Em análise geral, reitera-se que a criança se encontra no nível silábico de escrita, visto que, corresponde uma letra para cada sílaba.

## ANÁLISE DA CRIANÇA 2

**Sexo feminino; 8 anos de idade; 2º ano do ensino fundamental.**

Ao aplicar a testagem com esta criança, foi possível identificar características que remetem ao nível alfabético de escrita, conforme fica visível na figura 3. Inicialmente, foi solicitado que a criança escrevesse seu nome e sua idade. Ela segurou a folha com as duas mãos mostrando segurança na escrita de seu nome e sua idade.

**Figura 3** - Produção da criança 2.



Fonte: as autoras, 2017.

Diante dessa produção, nota-se que a criança expõe para o professor uma escrita que exige análise para identificar que elementos permeiam o nível alfabético. Isto porque a alfabetização vai muito além da decifração e produção de um código. É necessário compreender o sentido e a essência do que quer ser dito. Portanto o professor, novamente precisa retomar o conhecimento a fim de desenvolvê-lo para formar um saber.

A seguir, foi pedido que a aluna escrevesse uma palavra monossílaba (GIZ). Escreveu-a da seguinte forma: JIS. É possível notar que a criança associa o som com a quantidade de letras. O que ocorreu foi um erro ortográfico, que é comum no nível de alfabetização que ela se encontra.

Logo após, foi ditado uma palavra trissílaba (ALUNO). A criança demonstrou-se segura ao escrever essa palavra, sendo que a escreveu corretamente, sem erros ortográficos.

Em seguida foi soada uma palavra polissílaba (PROFESSORA), em que a aluna escreveu da seguinte forma “TRAFESORA”. Percebe-se que a sílaba inicial da palavra foi trocada por “TRA”. Ao ler em voz alta a palavra que escreveu, a criança pronunciou corretamente “PRO” apontando com o lápis o “TRA”. Sendo assim, pode-se concluir que houve uma falha na utilização do valor sonoro convencional.

Por fim, foi ditada a última palavra, sendo ela dissílaba (QUADRO). A criança escreveu-a da seguinte maneira: “PABRO”. Assim como anteriormente, a aluna apresentou falhas no valor

sonoro convencional. Na primeira sílaba o “PA” corresponde ao “QUA” e a segunda o “BRO” corresponde ao “DRO”.

Por conseguinte, foi solicitado a criança que elaborasse uma frase contendo duas das palavras escritas. Desse modo, a frase criada pela criança foi a seguinte: “ O giz é verde”, porém ela escreveu da seguinte forma: “O jis é verdi”. A partir disto, entende-se que a aluna é alfabetizada, entretanto, apresenta, ainda, algumas falhas na questão ortográfica e utilização do valor sonoro.

Ferreiro (2011) identifica a etapa em que essa criança se encontra como alfabética, tendo em vista a correspondência grafema-fonema já se apresentar majoritariamente convencional. Ou seja, a maioria dos grafemas está na ordem correta, representando os sons dos fonemas, ainda que com alguns equívocos ortográficos. Essa constatação se dá porque, consideramos que, a criança que evidencia essa escrita já compreendeu a natureza e as regras do sistema alfabético de escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste cenário, é possível notar que é necessário e primordial, precedentemente a compreensão do papel que está se cumprindo frente a uma sala de aula com 30 alunos. Antes de sermos professores, somos seres humanos cada qual com sua subjetividade. Dessa maneira, os alunos que estão sentados à nossa frente também são seres humanos muitas vezes submetidos a condições extremas de sobrevivência. Mas estão ali para cumprir com mais uma tarefa que a vida e a sociedade lhes impõem: aprender a ler e escrever.

Nessa perspectiva, é relevante que o professor saiba de que contexto provém seu aluno, pois este interferirá diretamente no processo de aprendizagem desta criança. Saber a leitura de mundo é pré-requisito para aprender a leitura da palavra. Destarte, o docente não deve só olhar para os aspectos gráficos da escrita, mas sim para os aspectos construtivos que a constituem.

Tendo em vista a análise das testagens realizadas, nota-se que é possível identificar claramente os níveis de escritas, estabelecidos por Ferreiro e Teberosky (1985). Isto evidencia-se quando o primeiro apresentou características que remetem ao nível silábico, estabelecendo uma letra para cada palavra e, o segundo, características que remetem à hipótese alfabética, escrevendo dentro dos padrões considerados para esse nível com apenas alguns erros ortográficos.

Com base nessas considerações, entende-se que as testagens de escrita são importantes instrumentos de acompanhamento e também de avaliação, para os professores e docentes em formação inseridos em escolas. Para esses documentos serem avaliados, é necessário ter profissionais que possuam formação adequada, ou seja, que tenham se apropriado das hipóteses de escrita para fazer a análise da escrita da criança. Nessa lógica, integra-se a partilha entre Instituição de Ensino Superior e escola básica, a qual promove frutíferas trocas de experiências, agregando a teoria à prática pedagógica no contexto escolar.

**REFERÊNCIAS**

AGUIAR, M. A. L. O ser docente: processos de formação e profissionalidade. In: CORDEIRO, A. F. M. (Org.). **Trabalho Docente: formação, práticas e pesquisa**. Joinville: Univille, 2010.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/AcxUEA>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOSSO, M. C. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente**. EDUCA: Lisboa, 2009.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.